



**HAL**  
open science

## O espaço editorial ibérico unido contra a águia napoleónica

Sofia Geraldès

► **To cite this version:**

Sofia Geraldès. O espaço editorial ibérico unido contra a águia napoleónica. Catalonia, 2020, 27, pp.131-142. hal-03587568

**HAL Id: hal-03587568**

**<https://hal.science/hal-03587568>**

Submitted on 24 Feb 2022

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

## O espaço editorial ibérico unido contra a águia napoleónica

Sofia MENDES GERALDES

Université de Pau et des Pays de l'Adour, GRIHL

sofia\_m\_geraldes-mail@yahoo.com

**Résumé :** Au lendemain du déchirement ibérique causé par l'ogre napoléonien, les liens fraternels sont renoués entre Espagne et Portugal. Cette alliance diplomatique et militaire donne lieu à des migrations et à des unions dans le milieu journalistique. Ces dernières débouchent sur une activité éditoriale à l'origine d'une polémique ibérique ainsi que sur une entraide typographique.

**Abstract:** In the aftermath of the Iberian tearing caused by the Corsican ogre, fraternal bonds are rebuilt between Portugal and Spain. This diplomatic and military alliance allows migrations and unions in the journalistic circle as well as editorial activities resulting in Iberian polemics and printing network.

**Mots-clés :** Maria do Carmo da Silva, polémique, presse, réseau.

**Keywords:** Maria do Carmo da Silva, polemic, printing, network.

Tal como determinado no artigo 4 do Tratado de Fontainebleau, em Dezembro de 1807, Portugal é invadido e dividido entre generais franceses e espanhóis. Carrafa e Junot marcham sobre Lisboa, Taranco y Llano ocupa o Porto e Solano dirige-se para o Alentejo. O Centro de Portugal permanece sob o controlo das forças francesas ao passo que a Norte e a Sul, as províncias que devem formar o Reino da Lusitânia Setentrional e o Principado dos Algarves, são administradas pelos generais comandantes das divisões espanholas.

O príncipe regente D. João VI não fica em Lisboa para acolher as forças invasoras. Porém, determina que seja bem tratado o exército napoleónico e desloca a sua corte para o Rio de Janeiro aonde chega no mês de Março de 1808. Apesar das suas exortações<sup>1</sup> para que as tropas franco-espanholas sejam recebidas pacificamente, vários incidentes revelam a insatisfação do povo. No dia 1.º de Maio, a coroa portuguesa declara a guerra a Napoleão: «S.A.R. rompe toda a comunicação com a França, chama aos seus estados todos os empregados naquela missão, se é que algum possa ainda ali achar-se; e autoriza os seus vassallos a fazer a guerra por terra e mar aos vassallos do Imperador dos Franceses»<sup>2</sup>.

No dia seguinte, Madrid revolta-se. Constituem-se juntas, entre as quais a junta de Sevilha a 27/05/1808, a junta de Badajoz a 30/05/1808 e a junta da Galiza a

---

<sup>1</sup> GALHARDO, António Rodrigues. *Decreto em que o Príncipe Regente Anuncia a sua Ausência para o Brasil e Nomeia uma Junta de Governo do Reino, com as Instruções para o Mesmo Fim, Dado em 26 de Novembro de 1807*. Lisboa: Of. de António Rodrigues Galhardo, 1807.

<sup>2</sup> SILVA, António Delgado da. *Colecção da Legislação Portuguesa Desde a Última Compilação das Ordenações: 1811-1820*. s.l.: Tip. Maigrense, 1825, p. 498.

05/06/1808<sup>3</sup>. Entretanto, as tropas espanholas presentes no território português respondem à nova disposição do xadrez ibérico. Tendo Taranco y Llano falecido em Fevereiro, Belestá, que o substituiu, colabora com os Portugueses, liberta o Porto da alçada de Quesnel a 06/06/1808 e retira-se para a Galiza. Solano tinha regressado a Badajoz no mês de Março e não inspirava confiança: «Tenez-moi exactement instruit de tout ce que vous apprendrez des troupes espagnoles. Voyez à Badajoz le général Solano et parlant de ses troupes sans affectation, tâchez de savoir la position qu'elles occupent, et ce qu'il pense»<sup>4</sup>. Carrafa permanece em Lisboa, mas as suas tropas são integradas em regimentos franceses. Por fim, as tropas espanholas, que não desertaram ou regressaram para Espanha, são desarmadas em Junho.

Durante o mês de Maio, fervilham as comunicações entre as juntas que se constituíram em Espanha, e também entre estas e os Portugueses. A junta de Sevilha resolve como ponto fundamental a colaboração ibérica para alcançar um objectivo comum a «defensa de la justa e idéntica causa de sus respectivos soberanos»<sup>5</sup>. Para tal, é implementada uma política de comunicação pedagógica que promove a informação e o incentivo da população no sentido de uma acção de revolta unida contra um inimigo comum. Esse esforço concretiza-se pela produção de impressos, manuscritos, proclamações, manifestos e demais documentos que instruísem o maior número de pessoas sobre a existência dessas juntas e o respeito dos desejos do povo pela formação dessas estruturas governativas<sup>6</sup>.

Relativamente à divulgação, são usados emissários diversos: comerciantes, militares, representantes das juntas, e personalidades locais como José António Martins, conhecido pela alcunha de Mil Diabos, acusado de ser espia e um dos «afficheurs et distributeurs des proclamations tendant à soulever le peuple»<sup>7</sup>.

A primeira proclamação espanhola<sup>8</sup> dirigida, a 30 de Maio de 1808<sup>9</sup>, pela Junta de Sevilha aos Portugueses, assenta o seu apelo bélico na polarização dos dois reinos ibéricos, traduzida pelo uso recorrente dos determinantes e pronomes possessivos da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoas do plural («vosso/a», «nosso/a»). Através do recurso frequente a verbos conjugados no futuro ou no imperativo, o texto exortativo insiste numa mensagem fundamental: a união face ao inimigo comum, plasmada em reiteradas declinações do verbo unir («unidos», «univos»). O arrebatamento do estilo transparece no gosto por adjectivos eloquentes para qualificar o adversário («ferozes conquistadores», «horível perfídia») e para enaltecer os «generosos Portugueses» cuja «obstinada resistência» é

<sup>3</sup> PRADA, Antonio Moliner. «Crise de l'État et nouvelles autorités: les juntas lors de la guerre d'indépendance». *Annales historiques de la Révolution française*, 336 (1 juin 2004), p. 107-128.

<sup>4</sup> Service Historique de la Défense, 7C16, fl.193.

<sup>5</sup> ALONSO MORENO, Manuel. *La Junta Suprema de Sevilla*. Sevilha: Ediciones Alfar, 2001, vol. 1, p. 88.

<sup>6</sup> Galluzo tinha nos seus papéis a cópia de uma carta enviada pelo embaixador espanhol em Lisboa a Moretti, na qual também se pronuncia a favor da redacção de uma proclamação: «Una corta proclama debería, en mi opinión, expresar que los Españoles venían ahora a Portugal con el objeto de combatir a un Ejército tan enemigo de los Portugueses como de los Españoles, que haciendo causa común venían a ayudarles». Archivo Histórico Nacional, Diversos-Colecciones, 129, 40, *Comunicaciones entre el general en jefe del ejército de Extremadura, José Galluzo, y el capitán general del ejército de Galicia sobre la situación de las tropas del almirante inglés Cotton en Portugal*, Julio 1809.

<sup>7</sup> Carta de 21/07/1808 enviada por Graindorge a Thiébault que dá conta da situação a Lagarde. Service Historique de la Défense, 7C6.

<sup>8</sup> Service Historique de la Défense, 7C5.

<sup>9</sup> Após a sua formação, a junta imediatamente apelou à deserção dos soldados franceses a 27 de maio, dirige-se a seguir aos Madrilenos e por fim aos Portugueses. ALONSO, Manuel Moreno. *La Junta Suprema de Sevilla*. *Op. cit.*

saudada pela Espanha que apela para a luta até à morte («morreremos em defesa da nossa pátria», «morrer em defesa da vossa pátria», «morrerá livre»).

No Porto, o Marechal de Campo Belestá, informado das indicações transmitidas pela Junta da Galiza<sup>10</sup>, prende Quesnel que substituiu Taranco y Llano, e regressa a Espanha. As juntas multiplicam-se no norte da Espanha enquanto o Porto, libertado do jugo espanhol e francês, arvora a bandeira nacional. O exemplo portuense é logo seguido em diversos pontos do Minho e de Trás-os-Montes. Depois de algumas tergiversações, é a 19 de Junho que se forma a Junta Governativa do Porto. Em Espanha, procura-se estabelecer contactos com os insurgentes portugueses. Januário Figueiroa<sup>11</sup>, antes de propor uma proclamação, já contactou com os Portugueses e no relatório em que expõe a situação, a 25 de Junho de 1808 em Tui, afirma «que se muestran los portugueses mui confiantes en sus fuerzas de infantería y artillería, sin necesitar de auxilios»<sup>12</sup>, acrescentando que não desejam um general espanhol e já confiam em Freire de Andrade para os liderar. Para justificar esta atitude independente, o brigadeiro descreve os Portugueses como uma nação que «siempre ha vivido recelosa de nosotros», daí a necessidade de cimentar a união da Galiza com as duas províncias fronteiriças. Por isso, procurou-se, na proclamação dirigida aos Portugueses, demonstrar que a revolta se alastrou pelas províncias espanholas porque «la virtud de nuestro auxilio es la de aumentar sus disposiciones patrióticas con el ejemplo»<sup>13</sup>.

A 5 de Julho, surge a proclamação do reino da Galiza<sup>14</sup> cujo intento apresenta ser o mesmo, isto é, a associação de esforços para combater o exército francês com a prevalência do objectivo final ser a restauração da soberania dos dois reinos ibéricos. Muito mais racional do que o texto anterior, a união é evocada através de noções jurídicas como um «pacto», um «trato» ou uma «aliança». Neste caso, também se observa o uso reiterado a determinantes possessivos, embora desta vez da 3.ª pessoa do singular. Da confrontação deslizou-se para a referência indiscernível a características comuns a ambos os países: «seus lares», «seu Rei», «seus soberanos», «sua religião», «sua liberdade». A referência indistinta aos dois reinos é realçada pela repetição dos pronomes indefinidos «todo» e «cada» («todos os homens», «as nações de Espanha, e Portugal serão cada uma livre, cada uma independente, e cada uma fiel»). Salienta-se a importância da religião, dos costumes, e uma memória colectiva habitada por heróis que participaram na construção dos respectivos países ibéricos. Um forte sentimento nacionalista desafiante incita os receptores das proclamações a sentirem-se parte de um colectivo e a agirem para que a nação prevaleça.

De lés a lés do país, contactos directos são estabelecidos e as proclamações procuram obter a adesão da massa popular através de mensagens informativas, educativas e fervorosas. Informativas, porque se tornou imprescindível um modo de comunicação paralelo às notícias censuradas pelo Intendente da Polícia, Lagarde. Educativas, para instruir a população sobre as acções encetadas e obter a sua replicação a uma escala mais ampla. Fervorosas, de modo a comover e a obter a adesão do público.

---

<sup>10</sup> «de que disponga entrar inmediatamente en Galicia con las tropas españolas que hay en aquel Reyno y ocupe los puestos que le parezcan más ventajosos aguardando en ellos las ordenes de esta Suprema Junta» AHN, Estado, 74, A. *Junta del Reino de Galicia. Constitución y relaciones con diferentes juntas territoriales*, 1808.

<sup>11</sup> Brigadeiro do Exército Real de Espanha comissionado pela Junta da Galiza para entrar em Portugal e tratar com a Junta do Porto.

<sup>12</sup> AHN, Estado, 1750, Exp.6. *Comisión del brigadier Genaro Figueroa*, 1808.

<sup>13</sup> AHN, Diversos-Colecciones, 129, 39. *El comisionado Genaro Figueroa informa de sus gestiones en Oporto para una alianza ofensiva y defensiva entre las naciones española y portuguesa*, Julho 1808.

<sup>14</sup> FIGUEIROA, Januário. *Proclamação do Reino de Galiza ao de Portugal*. Porto: s.n., 1808.

Tal função tripla instiga à divulgação alargada dessas mensagens; por isso ficam emissários encarregados de as difundirem. O sinal da sua efectiva difusão transparece na sua reprodução manuscrita e impressa. As provas de êxito no esforço de propagação traduzem-se pela publicação em diversos suportes, diversos países e traduções, o que explica a coexistência de variantes de textos<sup>15</sup>. Observa-se a imediata tradução na língua do público-alvo com proclamações divulgadas em português e espanhol.

Mal bateu em retirada o exército napoleónico derrotado, surgiram ensaios historiográficos dando conta dos eventos recentes. A 7 de Janeiro de 1809, Biancardi<sup>16</sup> manda imprimir *Sucessos do Alentejo*<sup>17</sup> narrando o levantamento da província do Alentejo. Numa abordagem regionalista, a obra de Biancardi restringe o seu relato à descrição dos eventos ocorridos no Alentejo, zona de contacto fértil entre os dois países fronteiriços, depois do 2 de Maio. Os factos são cronologicamente circunscritos aos meses de Maio e Junho. Este período de revolta espanhola e portuguesa coloca as tropas de Solano e Carrafa numa situação delicada porque se encontram afinal num território aliado, rodeadas de forças inimigas. *Sucessos do Alentejo* representa a organização da resistência de um lado e de outro da fronteira. Cita várias personalidades espanholas: Solano e Carrafa, bem conhecidos pelos Portugueses, bem como Moretti<sup>18</sup>, o conde de Fresno<sup>19</sup>, o general D. José Maria Galluzo<sup>20</sup> e o brigadeiro D. Ramón Gavilanes<sup>21</sup>.

O relato prossegue ao seguir os passos de Moretti, simultaneamente emissário, espia, fomentador da revolta e valoroso militar. Se, no primeiro quarto da obra, Moretti incarna a figura do herói, as restantes partes outorgam um destaque mais importante às outras personagens espanholas e portuguesas, porém ocultando o nome dos adversários franceses, discretamente designados o «Inimigo». A omissão dos nomes de Loison<sup>22</sup>,

---

<sup>15</sup> Além de existirem várias cópias manuscritas, a proclamação da Junta de Sevilha é reproduzida no *Correio Braziliense* e traduzida em francês no *Ambigu*. COSTA, Hipólito José da. *Correio Braziliense, ou Armazém Literário*, 2. Londres: W. Lewis: Paternoster, 1808; PELTIER, Jean-Gabriel. *L'Ambigu : ou variétés littéraires et politiques (Avril-Juin)*. s.l.: P. da Ponte, 1808.

<sup>16</sup> Nascido a 14 de Janeiro de 1776, Teodoro José Biancardi é o filho de João Baptista Biancardi, músico na corte do rei D. José I. Alguns elementos da correspondência trocada por ele acerca do *Mercúrio Lusitano* permitem deduzir que ele estudou direito e que poderia ter conseguido uma carreira de magistrado se não se tivesse dedicado à escrita (Cf. AFONSO, Aniceto. «Documentos relativos a Teodoro José Biancardi e ao periódico “Mercúrio Lusitano” de que foi redactor». *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vol. 11 (1930), p. 17-39). Um dos irmãos, Marçal José Pinheiro, fazia parte da Legião lusitana ao serviço de Napoleão bem como o primo, Marino Miguel Franzini, que deserta ao chegar a Espanha. Em 1809, ele assume a função de redactor do *Telégrafo Português*. Por volta de 1816, segue para o Brasil onde trabalha na Secretaria dos negócios do Império e na Câmara dos Deputados.

<sup>17</sup> BIANCARDI, Teodoro José. *Sucessos do Alentejo*. Lisboa: Imp. Régia, 1808.

<sup>18</sup> Militar de origem italiana que participa na revolta e efectua missões secretas em Portugal sabendo que já era conhecedor da cidade de Lisboa pois tinha realizado uma parte do serviço junto da embaixada espanhola. RICARD, Robert; LAPLANE, Gabriel. «Federico Moretti et son *Diccionario militar español-francés*». *Bulletin Hispanique*, vol. 65, 1 (1963), p. 35-48.

<sup>19</sup> Governador e comandante geral de Badajoz, o conde Torre del Fresno careceu de firmeza na oposição ao governo francês bem como na afirmação da soberania espanhola, o que lhe valeu ser assassinado pela multidão enfurecida, a 30 de Maio, dia do aniversário do rei D. Fernando. Cf. PRADA, Antonio Moliner. «Crise de l'état et nouvelles autorités». Art cit.

<sup>20</sup> Substituiu o conde da Torre de Fresno, cuja pusilanimidade lhe valeu ser assassinado pela multidão revoltada, e constituiu uma junta de transição. PRADA, Antonio Moliner. *Ibid.*

<sup>21</sup> Foi enviado a Córdoba pela junta sevillhana para aí formar uma junta de tranquilidade. *Ibid.*

<sup>22</sup> General francês, célebre em Portugal sob o apodo de maneta. Percorreu o país em expedições punitivas.

Solignac, Margaron<sup>23</sup> constitui uma escolha deliberada de não dar eco a essas figuras e de calar<sup>24</sup> tanto quanto possível as atrozidades impostas aos vencidos.

Esta obra, além do seu papel historiográfico, relatando os eventos ocorridos no Alentejo com um particular destaque para a colaboração luso-espanhola, sempre guiada por uma rigorosa fidelidade aos factos, também é norteada por um princípio mimético e emulador pois pretende oferecer um «exemplo singular de lealdade, e coragem oferecida por uma nação vizinha [que] devia despertar nossos ânimos, e arrancar [os Portugueses] do letargo»<sup>25</sup>. O discurso performativo tem por objectivo acordar o povo, isto é, fazer com que abra os olhos ou consciencializá-lo para o seu dever patriótico.

Além da função de divulgação assumida por emissários que transmitem documentos, estes também personificam o modelo instigador de uma acção expectada: «À medida que se mostraram aos Portugueses as obrigações sagradas de Vassallos fiéis, [...] foram chegando deputados de Juromenha»<sup>26</sup>.

Aclamada em Portugal<sup>27</sup>, a obra de Biancardi é citada em Espanha pelo periódico *El Robespierre Español* no processo de responsabilização dos actores envolvidos na perda da independência. A tradução da obra em espanhol, no início do ano de 1811<sup>28</sup>, atea uma polémica estardalhante com numerosos ricochetes. O prelúdio é, portanto, o texto espanhol citado em 1811 pelo *Robespierre Español*<sup>29</sup> cujo redactor é Pedro Pascasio Fernández Sardino, substituído pela esposa Maria do Carmo da Silva, quando este é detido. Usam o documento para questionar as deliberações da Junta Central no caso de algumas personalidades, entre as quais o general Carrafa. Este, indignado, contesta as acusações do periódico e inclui no seu *Manifiesto*<sup>30</sup> de 1811, Moretti e Biancardi. O autor português insurge-se num texto publicado em Portugal, traduzido em espanhol e impresso em Espanha<sup>31</sup>, ainda em 1811, bem como numa conclusão publicada no n.º 20 do *Robespierre Español*<sup>32</sup>. A querela encerra com a *Contestación* de Moretti<sup>33</sup> dada à luz em 1812.

---

<sup>23</sup> Antes de prestar apoio a Loison no saque de Évora, Margaron destacou-se na repressão em Leiria e no massacre da Portela.

<sup>24</sup> «Calo as horríveis circunstâncias de tantos crimes e atentados, porque não tenho cores assaz negras para tão medonhas pinturas; e a Nação, que na recente liberdade, ainda geme arruinada, e aflita, não necessita do estímulo débil de minha tosca exposição». BIANCARDI, Teodoro José. *Sucesos do Alentejo*. Op. cit., p. 44.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 14.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>27</sup> «Biancardi, um dos poucos autores que têm escrito com pureza e dignidade sobre a história da nossa restauração, que sei bebeu em boas fontes a notícia dos factos de que tratou, e que a estas qualidades ajunta uma grande modéstia e um notável cuidado em evitar imputações por factos ilícitos, não duvidou nomear o matador de ministros». NEVES, José Acúrsio das. *História Geral da Invasão dos Franceses em Portugal e da Restauração deste Reino*. Porto: Ed. Afrontamento, vol. 2 (1984), p. 166.

<sup>28</sup> BIANCARDI, Teodoro José. *Sucesos de la provincia del Alentejo*. Algeciras: Juan Bautista Contilló, s.d.

<sup>29</sup> *El Robespierre español, amigo de las leyes o Questiones atrevidas sobre la España*. Isla de León – Cádiz: Imp. de Periu, 1811.

<sup>30</sup> CARRAFA, Juan. *Manifiesto que presenta a la Nación Española Don Juan Carrafa, Teniente General de los Reales Ejércitos ... confutando la obra escrita por el portugués José Biancardi, traducida al castellano, que tiene por título Sucesos de la provincia del Alentejo, y el n.º 7 del Robespierre Español su fecha 27 de mayo último...* Cádiz: Antonio de Murguía, 1811.

<sup>31</sup> BIANCARDI, Teodoro José. *Respuesta al manifiesto que publicó en Cadiz en el mes de junio de este año, el Teniente General Juan Carrafa, contra la obra titulada Sucesos del Alentejo*. Cádiz: Imprenta de Niel, 1811.

<sup>32</sup> «Conclusión de la Respuesta de Biancardi al Manifiesto del General Carrafa». *El Robespierre Español*, 20 (20/08/1811).

<sup>33</sup> MORETTI Y CASCONI, Federico. *Contestación del Brigadier Don Federico Moretti y Cascone, (en la parte que le toca) al manifiesto del Teniente General D. Juan Carrafa*. Cádiz: José María Guerrero, 1812.

<b>Tabela 1 - As obras da polémica</b>			
BIANCARDI, T.J., <i>Sucessos do Alentejo</i>	Lisboa	Imp. Régia	1808
BIANCARDI T.J., <i>Sucesos de la provincia del Alentejo</i>	Algeciras	Juan Bautista Contilló	s.d.
<i>El Robespierre Español, nº7</i>	Ilha de Leão	Imp. de Periu	27/05/1811
CARRAFA J., <i>Manifiesto que presenta a la Nación Española D. Juan Carrafa, ...</i>	Cádiz	Antonio de Murguia	1811
<i>R.E., nº9</i>	Cádiz	Imp. de Periu	03/06/1811
<i>R.E., nº20</i>	Cádiz	Antonio de Murguia	20/08/1811
BIANCARDI T.J., <i>Respuesta al manifiesto que publicó en Cadiz en el mes de junio... Juan Carrafa, contra la obra titulada Sucesos del Alentejo</i>	Cádiz	Imp. de Niel	1811
BIANCARDI T.J., <i>Resposta ao manifesto que fez imprimir em Cadiz ... D. João Carrafa, contra a obra intitulada Sucessos do Alentejo,</i>	Lisboa	Imp. Régia	1811
MORETTI Y CASCONA, F., <i>Contestación del Brigadier Don Federico Moretti y Cascone, ... al manifiesto del Teniente General D. Juan Carrafa, ...</i>	Cádiz	José Maria Guerrero	1812

Numa luta desigual, Carrafa defronta um grupo binacional: o casal luso-espanhol, redactor do *Robespierre Español*, o autor português Biancardi e o militar espanhol Moretti. Superando os ressentimentos pessoais e as nacionalidades, esta polémica evidencia um diálogo entre os dois países ibéricos com edições portuguesas e espanholas bem como a porosidade das fronteiras manifestada pelas passagens dos indivíduos e dos textos. A polarização cristaliza-se entre Lisboa e Cádiz enquanto o ponto de passagem neste caso concreto aparenta ser Badajoz com o encontro da maior parte dos protagonistas nesse local.

As fronteiras desvanecem-se para que triunfe o quesito crucial: a colaboração na obtenção da independência de ambos os estados. Por isso, os envolvidos na polémica questionam as respectivas acções e reforçam os argumentos com peças justificativas, testemunhas ou referências bibliográficas adicionais. Observa-se, nesta disputa, a composição de uma rede de personagens envolvidas no plano militar e político cuja acção é exposta, criticada ou louvada por um surto livreiro que transpõe o espaço nacional. Disseminados sob o manto ou publicamente traduzidos e declamados, o manancial de impressos abole as fronteiras para se inscrever numa rede editorial ibérica (europeia e até transatlântica) apoiada por impressores e livreiros cuja actividade económica floresce<sup>34</sup>.

À vinculação de autores profissionais ou ocasionais, subjaz uma categoria militar constituída por actores e informadores dos referidos escritores. O cruzamento entre essas duas redes realiza-se a partir da união entre Pedro e Maria do Carmo que faz parte indiretamente da esfera militar devido ao seu reconhecimento por Galluzo. O espaço galego tal como o gaditano são áreas de passagens, de trocas diplomáticas, militares e

<sup>34</sup> A 5 de Janeiro é anunciada uma obra traduzida por Federico Moretti mas a data da sua impressão é incerta devido à falta de tipografias disponíveis: «La notoria escasez de imprentas no permite fixar el día de su publicación que será con la mayor brevedad posible». «Anúncio para a obra Instrucciones para oficiales subalternos, n.º 3». *Gazeta de la Regencia de España e Indias*, 05/01/1811.

editoriais. De facto, o impressor José Maria Guerrero disponibiliza os seus serviços às entidades governativas do Algarve<sup>35</sup>.

A sobreposição desses círculos esclarece a circulação de informação bem como a construção de uma rede editorial transnacional construída a partir de várias camadas de interacções.

<b>Apelido</b>	<b>Data de nascimento</b>	<b>Naturalidade</b>	<b>Locais de passagem até 1812</b>	<b>Ocupação</b>
Biancardi	1776	Lisboa	Lisboa	Autor, filho de músico italiano
Moretti	1769	Nápoles	Gibraltar/Lisboa/Badajoz/Cádiz	Militar e músico
Carrafa	1755	Nápoles	Orán/Extremadura/Porto/Lisboa/Cádiz	Militar
Sardino	1781	Madrid	Madrid/Badajoz/Ilha de Leão/Cádiz	Médico e publicista
Galluzo	1746	Orán	Badajoz/Lisboa/Cádiz	Militar
Silva	?	Lisboa	Lisboa/Badajoz/Ilha de Leão/Cádiz	Comerciante e publicista

Os conhecimentos de todas as personagens alcançam círculos amplos devido à sua mobilidade geográfica e ao estabelecimento de abundantes contactos num contexto em que a aquisição de informação e a sua partilha se revelam essenciais.

Dentro da rede militar, Moretti assume mais conexões devido às missões realizadas em Portugal antes e durante a guerra. Observa-se, portanto, que ele representa um nó central entre Galluzo, presidente da Junta de Badajoz, cujos primeiros esforços consistem em estabelecer uma rede de comunicação com as forças espanholas de norte a sul, passando por Portugal e, por extensão, Carrafa. Galluzo, devido à sua função, possui contactos ramificados dentro da área política e militar. Para além da área militar, Federico Moretti aparenta ser um homem muito bem conectado em diversos assuntos como a música e a diplomacia devido às missões realizadas junto dos embaixadores de Lisboa e Nápoles, num período anterior à guerra peninsular. O recorte dessas áreas geográficas e culturais conduz à associação de Moretti com Biancardi, cujo pai era músico na corte, aquele tornando-se a fonte directa deste para a elaboração da sua obra.

Em paralelo, outra junção de esferas distintas estabelece-se em Badajoz entre o círculo militar e a edição. Por um lado, é atribuída uma pensão à jovem lisboeta, Maria do Carmo da Silva, por Galluzo e, por outro lado, o *Diário de Badajoz*, na redacção do qual Sardino participa, reproduz notícias relativas a Portugal (com referências à *Gazeta de Lisboa* e notícias transmitidas por portugueses em fuga) e à Galiza, sendo que algumas das publicações são inseridas no *Diário* a pedido de Galluzo.

Esta rede constitui-se de acordo com as necessidades das circunstâncias militares e políticas, bem como a partir das relações anteriormente estabelecidas. Estas facilitam a circulação de informação, o que se traduz pela elaboração de obras bem informadas que

<sup>35</sup> Guerrero imprimiu documentos para o Supremo Conselho do Reino do Algarve e para a Junta do Governo. PALMA, Patrícia de Jesus. «Restauração e imprensa no Algarve (1808-1811): um impressor, a independência de duas nações». *Promontoria*, 10 (2012-2013), p. 240-241.

também têm por efeito não permitir o esquecimento de acções passadas, apesar da deslocalização geográfica. Essa rede é reforçada pelo processo de tradução e de impressão. Em torno dos membros desses círculos, encontram-se os tipógrafos, colaboradores intensamente solicitados nesse período de frenética produção impressa. Biancardi manda imprimir todas as obras de que é autor ou tradutor, na tipografia régia. As traduções das suas obras em espanhol são produzidas por um impressor de origem italiana em Algeciras e a seguir pelo impressor Niel em Cádiz. Não se sabendo quem é responsável pela tradução e pela impressão dos *Sucesos do Alentejo*, fica ainda por esclarecer se a tradução deu origem à imputação do n.º 7 do *Robespierre Español* ou se essa publicação rebentou depois da chegada dos *Sucesos* no palco editorial espanhol. Carrafa encomenda a sua obra na tipografia gaditana de António Murguia, que passa a imprimir também o *Robespierre Español* a partir do n.º 11, pois Francisco de Paula Periu, inquietado pela Junta de Censura, interrompera a colaboração com Sardino. Por fim, a *Contestación* de Moretti provém das prensas de José Maria Guerrero, localizadas em Faro durante a Restauração, onde trabalhou ainda para a Junta do Governo<sup>36</sup>.

Uma única oficina portuguesa está envolvida, pois a maior parte da produção impressa lusitana sai da oficina régia, ao passo que são quatro os tipógrafos espanhóis envolvidos na polémica: três gaditanos e outro em Algeciras. Pode supor-se que Sardino, vendo que o Conselho de Guerra ilibara Carrafa, poderia estar na origem dessa publicação. Não é, porém, de descartar Moretti que passou por Algeciras na segunda parte do ano de 1809. Por outro lado, as origens italianas do impressor Contilló apontam para um denominador comum com Biancardi ou Moretti, mas o facto talvez não passe de uma simples coincidência. Apesar de exterior à polémica, interessa observar outra obra escrita por um português e impressa por Periu em 1810 na Ilha de Leão onde residia Sardino. Trata-se da *Restauracion de la provincia de Tuy y Reyno de Galicia*<sup>37</sup> cujo protagonista, João Baptista de Almeida de Sousa e Sá, soldado português, lutou ao lado dos Espanhóis na Galiza. O prólogo apresenta o documento como uma tradução para espanhol das peripécias militares vivenciadas por João Baptista e relatadas por um amigo com o intento de convencer «al público para ser imitadas». Do original português não se conserva nenhum exemplar, mas as acções do sargento são ainda hoje recordadas<sup>38</sup>. É apenas conhecida a impressão da oficina de Periu, tipógrafo de Sardino, dando conta de eventos ocorridos na Galiza e nomeadamente durante o cerco de Vigo e é somente mencionado «um oficial de infantaria de Portugal, titulado General» em abril e maio de 1809 na *Gaceta del Gobierno* e no *Diario de Mallorca*. Interpela o surgimento da narração desse herói português em Cádiz contando a forma como socorreu as tropas galegas no norte de Espanha e cuja bravura humildemente desconhecida é revelada por um amigo para que «España sepa quien es Baptista»<sup>39</sup>. Da mesma forma, Espanha fica a conhecer poucos meses depois outra figura notável: Maria do Carmo da Silva.

Num efeito de matriosca, uma segunda polémica deriva a partir da inicial, restringindo-se esta ao espaço espanhol e envolvendo exclusivamente o *Robespierre Español* denunciado por Carrafa à Junta de Censura de Cádiz. O redactor, Sardino, é

---

<sup>36</sup> PALMA, Patrícia de Jesus. «Restauração e imprensa no Algarve (1808-1811): um impressor, a independência de duas nações». Art cit.

<sup>37</sup> BAPTISTA, João Almeida de Sousa e Sá. *Restauración de la provincia de Tuy y Reyno de Galicia*. Real Isla de León: Francisco de Paula Periu, 1810.

<sup>38</sup> Existe uma placa comemorativa em Vigo para homenagear a valentia do famigerado tenente Almeida na praça onde está sediado o Centro Cultural Português de Vigo.

<sup>39</sup> BAPTISTA, João Almeida de Sousa e Sá. *Restauración de la provincia de Tuy y Reyno de Galicia*. Op. cit.

preso e a esposa, a portuguesa de nascimento, Maria do Carmo da Silva, revela-se, em simultâneo, redatora do periódico e heroína. De facto, comovida pela desventura dos soldados espanhóis que se encontravam sob as ordens de Carrafa e que tinham sido detidos por Junot, Maria do Carmo participou na libertação daqueles.

Até ao momento em que deflagra a polémica que atinge o marido, Sardino, a façanha da jovem mulher é desconhecida e não é referida nas obras de historiadores portugueses, Biancardi ou José Acúrsio das Neves. Os autores portugueses não saúdam a valentia da compatriota. Mais ainda, Espanha, que ela adoptou como nova pátria, reconhece somente a heroína quando esta, na defesa do esposo, revela publicamente a valentia e o socorro que prestou aos militares espanhóis, embora a Junta Central de Badajoz tenha retribuído através do pagamento de uma pensão, o que facilitou a sua adaptação no país vizinho.

Maria do Carmo da Silva encarna, assim como João Baptista Almeida de Sousa e Sá, a cooperação peninsular. É movida por sentimentos patrióticos guiados sempre por um espírito de justiça e de liberdade. Apesar do perigo incorrido na acção de libertação dos soldados espanhóis e das consequências que a levaram a deixar Portugal, Maria do Carmo declara que se sente espanhola e que deseja ser aceite como tal: «Deseara [...] la aceptación de la patria de su esposo, que ya mira como suya la editora»<sup>40</sup>. No n.º 11 do periódico de que ela assume a direcção depois do encarceramento do marido, ela apresenta-se como editora e como espanhola. A partir do n.º 14, recebe cartas de leitores que a consagram nessa nova função e confirmam o seu envolvimento na libertação da tropa espanhola em Lisboa. O leitor destaca dois argumentos instigadores da sua admiração pelo casal: patriotismo e heroísmo. O iberismo da heroína libertadora dos militares aprisionados transpõe as fronteiras, mas não esboroa as características nacionais dos países vizinhos. Ao unir o seu destino ao de Sardino, ela adoptou a pátria dele e o seu nome mudou para María del Carmen.

Nota-se de forma mais exacerbada o silêncio que cinge as participações dos dois heróis portugueses em terras espanholas e a maneira como a publicação dos seus actos os revela à opinião pública. Tal como o *Robespierre Español* se afirma como instrumento de exposição dos erros passados e de esclarecimento dos leitores, da mesma forma a divulgação das acções de Maria do Carmo granjeia-lhe reconhecimento e crédito. Nas circunstâncias em que o patriotismo e o empenho de cada um são questionados, muitas personagens recuperam, por exibição ou necessidade, o mérito das vitórias alcançadas num esforço comum.

No caso da jovem mulher, fica demonstrado, como o destaca Hita, que é conhecedora do aspecto jurídico da questão relativa à liberdade de imprensa. Porém, é de observar que, por entre os ataques sofridos, nenhum diz respeito à sua identidade, poucos aludem à sua atividade de publicista ou à sua perícia jurídica e nenhum contesta a sua bravura. Já a legitimidade do matrimónio com Fernandez Sardino é debatida com tacanhez:

Dije supuesta mujer [...] porque no está claro si lo es o no legítima; lo que ha de constar, consta, sí de cierto que no lo era, sin embargo de que los dos vivían matrimonialmente en buen amor y compañía [...] si será o no será un insulto de marea mayor, y de horrible desacato cometido contra el catolicismo de la nación, de su diputación soberana y de su supremo gobierno ofrecerse a consideración representaciones de una manceba con el falso y supuesto título de esposa<sup>41</sup>.

<sup>40</sup> *El Robespierre Español*, 11 (27/09/1811).

<sup>41</sup> COMES, Manuel (ed.). *Vapulamiento al Robespierre español, amigo de las leyes por mal nombre, en carta que escribía Zutano a Mengano*. Cádiz: Imprenta de la Viuda de Comes, 1812. *Apud* CASENAVE,

O argumento tem por efeito omitir a condição de autora de Maria do Carmo, de transferir o debate jurídico para uma questão de costumes e de a despojar da legitimidade de intervir na controvérsia sobre a liberdade de imprensa envolvendo Fernandez Sardino. Maria do Carmo e Pedro Pascasio encarnam as ideias reformadoras e liberais exaltadas nos seus escritos. Portanto, para além de censurar a obra, também se procura condenar o indivíduo e o seu modo de vida.

Paralelamente a esses ataques, surge um artigo na *Gaceta de Extremadura* que relata pormenorizadamente a forma como ela conseguiu libertar a tropa espanhola, relembrando a inacção de Carrafa, e concluindo com ênfase: «el noble desinterés, la prodigiosa magnanimidad, la filantropía más inaudita, el exaltado amor a la patria, el desprecio de la vida»<sup>42</sup> da heroína portuguesa. Ela própria, na defesa do marido, evidencia o papel que desempenhou durante a guerra e não hesita em acirrar Carrafa, estando disposta a defrontá-lo e aditando perfidamente: «si el general Carrafa que le denunció, no está todavía contento, yo (que merezco algún crédito en el asunto) estoy pronta a satisfacerle delante de V.M. si es que no se ha marchado aun a Italia, su patria en donde es Rey pacífico Napoleón»<sup>43</sup>. A observação insidiosa para a partida do militar em Itália remete para o denominador comum entre as personagens desta polémica pois Biancardi, Moretti e Carrafa são de origem italiana. O reparo deixa entrever a intromissão de motivações pessoais na disputa.

De um lado e doutro da fronteira, os textos publicados para incentivar a nação vizinha definem um objectivo comum: oferecer modelos dignos de serem imitados e educar os seus receptores. Constata-se uma dinâmica de estímulo e de emulação veiculada pelos textos produzidos, em primeiro lugar, por entidades oficiais como as juntas, mas também por particulares desejosos de apelar aos habitantes da península e de obter o reconhecimento pelos actos de valentia. No meio dessa profusão de textos, os dois documentos homenageando heróis portugueses e a cooperação peninsular, impressos em Cádiz, surgem curiosamente no mesmo momento e no mesmo espaço onde agem Maria do Carmo e Pedro, que será lícito considerarmos como agentes da construção de modelos heróicos lusitanos na guerra peninsular.

A «revolución hispano-lusitana» mencionada no artigo que retrata Maria do Carmo da Silva e as características da heroína remetem para uma ideologia humanitarista e transnacional. Entre liberalismo e iberismo incipiente, Maria do Carmo e Pedro Pascasio, tal como todas as personagens que se uniram respondendo aos apelos que lhes foram lançados em prol da defesa da pátria, formam uma rede na qual são destacados os heróis lusitanos.

---

Marieta Cantos; HITA, Beatriz Sánchez. «Escritoras y Periodistas ante la Constitución de 1812 (1808-1823)». *Revista Electrónica de Historia Constitucional*, 10 (2009), p. 137-179.

<sup>42</sup> HITA, Beatriz Sánchez. «María del Carmen Silva, la Robespierre española: una heroína y periodista en la Guerra de la Independencia». *Heroínas y patriotas: mujeres de 1808*. Madrid: Cátedra, 2009, p. 399-426.

<sup>43</sup> AHN, Consejos, 11991, Exp.21. *Causa criminal formada por el Consejo de Castilla contra Pedro Pascasio Fernández, editor del periódico el «Robespierre Español», por denuncia de la Junta Provincial de Censura de Cádiz*, s. d.

### Fontes manuscritas

Archivo Histórico Nacional, Diversos-Colecciones, 129, 39 e 40.

Archivo Histórico Nacional, Estado, 74, A.

Archivo Histórico Nacional, Consejos, 11991, Exp.21.

Service Historique de la Défense, 7C5, 7C6 e 7C16.

### Bibliografia

AFONSO, Aniceto. «Documentos relativos a Teodoro José Biancardi e ao periódico “Mercúrio Lusitano” de que foi redactor». *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vol. 11 (1930), p. 17-39.

BIANCARDI, Teodoro José. *Sucessos do Alentejo*. Lisboa: Imp. Régia, 1808.

BIANCARDI, Teodoro José. *Sucesos de la provincia del Alentejo*. Algeciras: Juan Bautista Contilló, s.d.

BIANCARDI, Teodoro José. *Respuesta al manifiesto que publicó en Cádiz en el mes de junio de este año, el Teniente General Juan Carrafa, contra la obra titulada Sucesos del Alentejo*. Cádiz: Imprenta de Niel, 1811.

CARRAFA, Juan. *Manifiesto que presenta a la Nación Española Don Juan Carrafa, Teniente General de los Reales Ejércitos ... confutando la obra escrita por el portugués José Biancardi, traducida al castellano, que tiene por título Sucesos de la provincia del Alentejo, y el n.º 7 del Robespierre Español su fecha 27 de mayo último...* Cádiz: Antonio de Murguía, 1811.

CASENAVE, Marieta Cantos; HITA, Beatriz Sánchez. «Escritoras y Periodistas ante la Constitución de 1812 (1808-1823)». *Revista Electrónica de Historia Constitucional*, 10 (2009), p. 137-179.

COSTA, Hipólito José da. *Correio Braziliense, ou, Armazém Literário*. Londres: W. Lewis: Paternoster, 1808.

*El Robespierre español, amigo de las leyes o Questiones atrevidas sobre la España*. Isla de León – Cádiz: Imp. de Periu, 1811.

FIGUEIROA, Januário. *Proclamação do Reino de Galiza ao de Portugal*. Porto: s.n., 1808.

GALHARDO, António Rodrigues. *Decreto em que o Príncipe Regente Anuncia a sua Ausência para o Brasil e Nomeia uma Junta de Governo do Reino, com as Instruções para o Mesmo Fim, Dado em 26 de Novembro de 1807*. Lisboa: Of. de António Rodrigues Galhardo, 1807.

*Gazeta de la Regencia de España e Indias*. Cádiz: Imp. Real, 1811.

HITA, Beatriz Sánchez. «María del Carmen Silva, la Robespierre española: una heroína y periodista en la Guerra de la Independencia». *Heroínas y patriotas: mujeres de 1808*. Madrid: Cátedra, 2009, p. 399-426.

PRADA, Antonio Moliner. « Crise de l'état et nouvelles autorités : les juntas lors de la guerre d'indépendance ». *Annales historiques de la Révolution française*, 336 (juin 2004), p. 107-128.

MORENO ALONSO, Manuel. *La Junta Suprema de Sevilla*. Sevilha: Ediciones Alfar, 2001.

MORETTI Y CASCONO, Federico. *Contestación del Brigadier Don Federico Moretti y Cascone, (en la parte que le toca) al manifiesto del Teniente General D. Juan Carrafa*. Cádiz: José Maria Guerrero, 1812.

NEVES, José Acúrsio das. *História geral da invasão dos Franceses em Portugal e da restauração deste reino*. Porto: Ed. Afrontamento, 1984.

PALMA, Patrícia de Jesus. «Restauração e imprensa no Algarve (1808-1811): um impressor, a independência de duas nações». *Promontoria*, 10 (2012-2013), p. 231-255.

PELTIER, Jean-Gabriel. *L'Ambigu : ou variétés littéraires et politiques (Avril-Juin)*. S.l. : P. da Ponte, 1808.

RICARD, Robert; LAPLANE, Gabriel. « Federico Moretti et son *Diccionario militar español-francés* ». *Bulletin Hispanique*, vol. 65, 1 (1963), p. 35-48.

SILVA, António Delgado da. *Colecção da Legislação Portuguesa Desde a Última Compilação das Ordenações: 1811-1820*. S.l.: Tip. Maignrense, 1825.